



COLONIZAÇÃO DA MENTE E EUROCENTRISMO: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DAS LITERATURAS AFRICANAS NO BRASIL

Ângela Lamas Rodrigues (UEL)

RESUMO: Neste trabalho, discuto a presença das literaturas africanas no Brasil, levantando a hipótese de que o foco nas literaturas africanas escritas em línguas europeias, evidente no contexto acadêmico, revela um traço de eurocentrismo que negligencia as literaturas produzidas em línguas africanas e, por consequência, a diversidade linguística e cultural do continente. As produções literárias *hausa* e *suaíle* são trazidas como exemplos de práticas discursivas, respectivamente, no oeste e leste da África, práticas que, devido a barreiras linguísticas, são ainda pouco conhecidas no contexto brasileiro, apesar de sua longa e importante trajetória entre os falantes de ambas as línguas.

PALAVRAS-CHAVE: eurocentrismo, literaturas africanas, colonização

COLONIZATION OF THE MIND AND EUROCENTRISM: REFLECTIONS ON THE PLACE OF AFRICAN LITERATURES IN BRASIL

ABSTRACT: The present work discusses the presence of African literatures in Brazil, raising the hypothesis that the focus on African literatures written in European languages, evinced in the academic context, reveals a trace of Eurocentrism that neglects African language-based literatures and, consequently, the continent's linguistic and cultural diversity. Hausa and Swahili literary productions are discussed as examples of discursive practices, respectively from western and eastern Africa, practices which, due to linguistic barriers, are still little known in Brazil despite their long and important trajectories among the speakers of both languages.

KEYWORDS: Eurocentrism, African literatures, colonization



Introdução

O estudo das literaturas africanas no Brasil é, sem dúvida, um passo significativo no que diz respeito à contestação do cânone literário ocidental e à valorização de textos e autores que, em outros momentos históricos, permaneceram no anonimato. A mentalidade colonialista que, por séculos, moldou a produção do conhecimento no Brasil, promoveu um interesse incondicional pelas literaturas europeias e pela literatura estadunidense, deixando de lado nomes, histórias, lugares, imagens e representações: em uma palavra, vozes desde sempre marginalizadas em seus contextos de origem, mas também, e por razões históricas óbvias, negligenciadas nos quatro cantos do planeta, como se não valesse a pena ouvi-las ou, pior ainda, como se não existissem. Tratava-se de um problema inerente à intelectualidade brasileira, que pode ser, em parte, identificado com o que diversos teóricos postularam no tocante à valorização acrítica de teorias estrangeiras. Já em 1987, Roberto Schwarz chamava a atenção para a importação sem sentido de abordagens teóricas produzidas nos contextos acadêmicos norte-americanos e europeus:

Nos vinte anos em que tenho dado aula de literatura assisti ao trânsito da crítica por impressionismo, historiografia positivista, *new criticism* americano, estilística, marxismo, fenomenologia, estruturalismo, pós-estruturalismo e agora teorias da recepção. A lista é impressionante e atesta o esforço de atualização e desprovincianismo em nossa universidade. Mas é fácil observar que só raramente a passagem de uma escola a outra corresponde, como seria de esperar, ao esgotamento de um projeto; no geral ela se deve ao prestígio americano ou europeu da doutrina seguinte. Resulta a impressão – decepcionante – da mudança sem necessidade interna, e por isso mesmo sem proveito. O gosto pela novidade terminológica prevalece sobre o trabalho de conhecimento (SCHWARZ, 1987, p. 30).

Obviamente, observou-se, por décadas, o “prestígio americano ou europeu” não somente no campo da crítica, mas da própria produção literária. É recente, afinal, o deslocamento do foco em obras produzidas, por exemplo, por escritores/as franceses, portugueses e britânicos para obras de autores/as sul-africanos, nigerianos, angolanos e de muitas outras nacionalidades no continente africano e na América Central, bem como de nações ameríndias – as ditas literaturas pós-coloniais. O que Aníbal Quijano definiu como eurocentrismo, “uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica, colonizando e sobrepondo-se a todas as demais” (QUIJANO, 2005, p. 116) parecia então superado. Sobre o termo, vale também lembrar a noção de eurocentrismo como



resíduo discursivo ou produto do colonialismo, processo pelo qual os poderes europeus alcançaram posições de hegemonia econômica, militar, política e cultural em grande parte da Ásia, da África e das Américas (SHOHAT; STAM, 1994, p. 15. Tradução nossa).

Como diferença fundamental entre o colonialismo europeu e outros processos de colonização, Shohat e Stam apontam para “o seu alcance planetário, sua afiliação com um poder institucional global e (...) sua tentativa de submeter o mundo a um regime singular ‘universal’ de verdade e poder” (1994, p. 15-16. Tradução nossa). O eurocentrismo constitui-se, assim, como visão de mundo atrelada à modernidade colonialista que se impôs sobre diferentes modos de produção, afetando não só a economia e o sistema político das sociedades colonizadas, mas seus valores, conceitos e expressões culturais. No processo, o que é próprio do mundo europeu/ocidental ganha proeminência em relação a outros saberes e modos de vida.

Voltarmo-nos para as literaturas africanas, muito embora o tenhamos feito após a entrada dessa literatura, em certa medida, no próprio cânone ocidental, foi, portanto, um sintoma de uma mudança de paradigma que apontava para a possibilidade de ressignificação e descoberta de conceitos, problemas, ideias e campos teóricos. É forçoso questionar, porém, até que ponto o estudo das literaturas africanas no Brasil não perpetua, por outros meios, um certo eurocentrismo, na medida em que se concentra, fundamentalmente, nas literaturas produzidas em línguas europeias, as ditas literaturas francófonas, anglófonas e lusófonas. Tem-se aqui um problema que remete não somente ao fato de ser o português a língua dominante no Brasil, o que justifica, em parte, o interesse pelas literaturas lusófonas, mas ao desconhecimento e, portanto, à desvalorização das línguas africanas autóctones neste país. Basta olharmos para as escolas de línguas e mesmo para os cursos de Letras das universidades brasileiras para notarmos a ausência quase absoluta de programas voltados para o ensino de línguas africanas autóctones. Isso seria de se estranhar – considerando os vínculos históricos entre o Brasil e o continente africano – não fossem o imperialismo linguístico imposto pela Inglaterra e pelos Estados Unidos e a divisão linguística, ainda marcante no globo, entre línguas minoritárias e línguas hegemônicas. Afinal, de que vale estudar uma língua africana em um mundo onde poucas línguas têm valor de mercado?

Significa dizer que ainda hoje a marginalização das línguas africanas autóctones é notória e seu valor político, social e cultural ignorados, muitas vezes pelas próprias autoridades africanas, o que as coloca em posição delicada diante de línguas europeias hegemônicas no continente. É uma condição resultante, indubitavelmente, do imperialismo



linguístico que caminhou lado a lado com a colonização da África e que se manteve no pós-independência dos países africanos. Hoje são muitos os estudiosos que se dedicam ao problema. Para Ngugi wa Thiong’o (1997), por exemplo, a divisão linguística, ainda presente no continente africano, entre as línguas europeias – consideradas superiores, desenvolvidas e modernizantes – e as línguas africanas – tidas como atrasadas, subdesenvolvidas e precárias, é sintomática de um processo de colonização mental que afeta o continente mesmo após o fim do colonialismo propriamente dito. Em contrapartida, a promoção das línguas africanas fora do continente parece ainda mais impraticável, uma vez que não constituem capital cultural necessário nas áreas de comunicação, entretenimento, comércio, relações internacionais e propaganda.

Não há como negar, e nem é a proposta deste artigo, a importância das literaturas africanas de língua inglesa, portuguesa e francesa, que representam, sem dúvida, uma amostra valiosa da construção do pensamento por escritores africanos. Mas é preciso ter em mente que tais textos constituem um pequeno universo literário no conjunto das obras africanas, criado, em sua grande maioria, por escritores africanos que se formaram e que residem no ocidente. São escritores que ganharam fama na Europa e na América do Norte, em boa parte antes de serem conhecidos no Brasil, e conquistaram um espaço peculiar na academia, sobretudo devido à introdução de teorias que contestaram o patriarcalismo, a relação colonizador-colonizado, a estabilidade do sujeito e a superioridade do “homem-branco-civilizado”. Seja como for, cabe lembrar que ler tais escritores significa ler uma certa literatura africana, literatura, em realidade, a que pouquíssimos africanos têm acesso, apesar de serem nelas constantemente representados.

Como pontua Birgit Brock-Utne (2007), menos de 20% da população africana utiliza confortavelmente as línguas europeias. Por essa razão, textos literários produzidos em inglês, português e francês são lidos efetivamente na África por uma minoria intelectualizada que tem acesso às línguas europeias em seus países. São textos que almejam, portanto, um público europeu e norte-americano e que, não raro, alienam o substrato literário que constitui a condição mesma de sua existência. Não é demais lembrar, aqui, a célebre constatação de Kwame Appiah acerca do que ele denominou “comprador intelligentsia”, ou seja, “um grupo de escritores e pensadores (...) [que] no Ocidente são conhecidos pela África que oferecem; seus compatriotas os conhecem tanto pelo Ocidente que eles apresentam para a África quanto por uma África que eles inventaram para o mundo, para eles mesmos e para a África” (APPIAH, 1996, p. 63. Tradução nossa). Por outro lado, textos literários escritos em línguas africanas são, com efeito, cultural e socialmente importantes em vários países da África, sobretudo por constituírem prá-



ticas discursivas que ganham formatos diferenciados para atingir e agregar diversas comunidades de leitores. Segundo Karin Barber, a cultura africana popular contemporânea constitui um espaço de

metamorfoses e mutações, em que textos escritos são representados, textos representados podem ganhar forma e revisão escrita, e uma rede de alusões e referências cruzadas permitem que audiências em qualquer estado de alfabetização acessem textos de uma forma ou de outra (BARBER, 1995, p. 12. Tradução nossa).

As literaturas hausa e suaíle, para mencionar algumas apenas, têm expressão significativa no oeste e no leste da África, respectivamente, mas são raramente pesquisadas no Brasil, o que deve ser visto com pesar, sobretudo para aqueles que buscam entender as histórias e as culturas africanas. Apesar de serem fontes importantes de conhecimento sobre povos e países da África, tais literaturas permanecem praticamente no anonimato no contexto brasileiro. Uma das causas é o fato de as línguas hausa e suaíle serem pouco estudadas no Brasil, já que não há, no país, até o momento, políticas linguísticas que incentivem o estudo das línguas africanas autóctones. Muito já se falou sobre a importância de aproximação entre o Brasil e os países africanos, mas as barreiras linguísticas que se interpõem entre tais países estão, aparentemente, longe de serem rompidas. A seguir faço um breve comentário sobre essas literaturas com o objetivo de enfatizar sua longa, e relevante, existência em contextos africanos específicos.

1. Produção literária africana: *hausa e suaíle*

A língua *hausa* é falada, atualmente, por cerca de 50 milhões de pessoas. Na Nigéria, país mais populoso da África, é falada por aproximadamente 20 milhões de habitantes, sobretudo na região norte. A partir do contato com o mundo árabe, a língua *hausa* passou a ter uma grafia própria (*ajami*), variante da escrita árabe, que mais tarde iria incorporar, por imposição europeia, o alfabeto romano (*boko*). A literatura escrita *hausa* data, portanto, do período pré-colonial e foi marcada, como pontua Graham Furniss (2006), pela formação de círculos de escritores que privilegiaram determinadas formas literárias e atribuíram funções diversas ao texto no decorrer dos séculos. Os círculos eram formados por intelectuais engajados que, durante a colonização britânica na Nigéria, por exemplo, debatiam e registravam a condição do país. No período imediatamente após a independência, em 1960, a poesia ganhou popularidade nos círculos e, a partir da década de 1980, com a falta de incentivo para publicações, a literatura concentrou-se nas mãos de jovens que produziam, o que se convencionou chamar “ficção popular”.



Entre as obras que ganharam notoriedade no período colonial está *Shaihu Umar*, de Abubakar Tafawa Balewa, que se tornou um dos mais famosos textos literários em hausa. Escrito em 1930, *Shaihu Umar* foi adaptado para o cinema e para o teatro e traduzido para o inglês em 1967. O livro consiste na autobiografia ficcional do personagem Umar, e ganhou fama e popularidade por tratar-se de narrativa repleta de suspense e aventura na medida em que o protagonista é vitimizado por uma série de sequestros que levam à sua escravização no período pré-colonial, momento, portanto, que antecede o delineamento do país pela conferência de Berlim, em 1884. A importância da obra reside, no entanto, no seu aspecto sociológico. Para Mariusz Krasniewski (2010), *Shaihu Umar* é não só um texto importante para o entendimento da escravidão no norte da Nigéria no período pré-colonial, mas uma fonte riquíssima para os estudos de fronteira na medida em que “descreve estratificações sociais e as relações entre membros de grupos particulares, abrangendo desde pessoas comuns a cortesãos e nobres” (KRASNIEWSKI, 2010, p. 50. Tradução nossa). Mais que isso, o livro retrata fronteiras políticas, geográficas e culturais através de viagens que os personagens principais são forçados a realizar por várias cidades hausa, como é o caso de Zaria e Kano (centro comercial trans-saariano desde o século XV), e por outras regiões do continente que, mais tarde, seriam países constituídos, como a Líbia e o Egito.

Shaihu Umar é apenas um exemplo, entre muitos, de texto literário africano que mereceria atenção no contexto brasileiro, mas que dificilmente ganhará espaço por se tratar de texto escrito em língua hausa. Esse é também o caso da literatura popular hausa, que ganhou expressão significativa nas décadas de 1980 e 1990 no norte da Nigéria. São centenas de volumes – escritos por vários autores, em grande parte mulheres – que tratam de questões cotidianas, de relações amorosas e de conflitos entre tradição e modernidade. Vendidos por preços módicos, os volumes são acessíveis à população e, não raro, transformados em filmes. Muito embora seja caracterizada pejorativamente como literatura de massa por alguns, argumenta Furniss (2003), a produção dessa literatura, que se dá, sobretudo, em Kano, bem como a indústria filmica hausa, podem ser entendidas a partir de uma perspectiva que considere o dinamismo social da população hausa em meio ao declínio econômico da Nigéria.

Sobre a literatura escrita suaíle, língua falada atualmente por cerca de 80 milhões de pessoas no leste africano, sabe-se que ganhou fôlego no século XIX, mas, segundo Mugyabuso M. Mulokozi (1992), há registros de obras em suaíle já no século XVII, como *Siri l'Asirari* (1663), de Binti Bwana Lemba. No século XIX a literatura suaíle escrita apresenta crescimento significativo, sobretudo na poesia, com a presença marcante



dos escritores Bwana Mwengo bin Athumani, Said Aidarus, Said Abdallah bin Nasir, Mgeni bin Faqini e Muyaka bin Haji.

Criada a partir do contato entre línguas africanas autóctones, o persa e o árabe, o suaíle tem sua escrita padronizada pelos britânicos em 1930. Há produção literária no começo no século XX, porém, somente após a independência dos países do leste africano, a literatura suaíle escrita passa a constituir-se em importante instrumento de crítica política e social, muito embora autores do passado já tivessem feito críticas veladas, sobretudo ao imperialismo e ao sistema colonial. Como lembra Mulokozi (1992), obras como *Kinjeketile* (1969), *Mashetani* (*Demônios*, 1971), *Ngao ya Jadi* (*Escudo ancestral*, 1976), e *Jogoo Kijijini* (1976), de Ebrahim Hussein; e *Rosa Mistika* (1970), *Dunia Uwanja wa Fujo* (*O mundo é uma arena de caos*, 1975), *Gamba la Nyoka* (*Pele de um réptil*, 1979) e *Nagona* (1987), de Euphrase Kezilahabi são exemplos importantes dessa literatura produzida entre as décadas de 1970 e 80 na Tanzânia. Sobre Kezilahabi, o autor afirma que

é um crítico social questionador da organização social e das crenças da Ujamaa, do cristianismo, da educação ocidental, e de práticas e filosofias políticas. É um pensador que lida com os temas que escolhe a partir de um ângulo individualista e existencialista, tendo sido bem sucedido em revelar os medos e dilemas da pequena burguesia tanzaniana. Seu personagem principal – o anti-herói – é o pequeno burguês intelectual ou burocrata que oscila entre a lealdade a si mesmo e à sociedade, sente-se confuso pela aparente falta de sentido e objetivo da vida que o circunda e, eventualmente, nega a si próprio através do suicídio. (MULOKOZI, 1992, p. 53. Tradução nossa).

Surge também, nesse período, uma literatura sobre o proletariado: textos que rejeitam o sistema econômico e criam heróis na classe trabalhadora, propondo soluções utópicas para as tensões sociais do período. Destacam-se aqui os escritores quenianos Abdilatif Abdalla, autor de *Sauti ya dhiki* (*Voz de agonia*, 1973) e Peter Ngare, autor de *Kikulacho ki nguoni mwako* (*A peste que te corrói está nas suas roupas*, 1975).

Na década de 1980, a literatura suaíle presenciou o surgimento de textos ditos de massa ou popular (*fasihi-pendwa*), focados em histórias de amor e suspense e, ao mesmo tempo, uma literatura elitizada (*fasihi-dhati*), cujos maiores representantes são, possivelmente, Kyallo Wadi Wamitila, Rocha Chi-merah, Mwenda Mbatiah e Ken Walibora, no Quênia, e o tanzaniano Edwin Semzaba. Segundo Mikhail D. Gromov (2008), no Quênia, a literatura popular apresentou um caráter eminentemente didático, voltando-se para a educação de jovens. Já na Tanzânia, a literatura popular dividiu-se em dois grupos: um deles dirigido para a classe média e outro para as classes mais pobres da população. Em todo



caso, nas décadas de 1990 e 2000, a produção dessas literaturas declinou visivelmente. Para Gromov, o declínio da literatura popular suaíle deve-se ao fato de ser orientada para um currículo escolar, mas também ao fechamento da maior editora dessa literatura em 2000, e ao crescimento da indústria cinematográfica nos países africanos e do acesso a filmes e shows de TV. Mas o crítico é otimista quando diz que, apesar dos problemas enfrentados na última década, a literatura popular suaíle deverá sobreviver e voltar a prosperar na medida em que cumpre um importante papel educativo, sendo um instrumento de desenvolvimento social e político.

Tem-se aqui uma pequena amostra das literaturas *hausa* e *suaíle*, comumente negligenciadas na academia ocidental – o que não acontece, diga-se de passagem, com textos de escritores como Chinua Achebe e Wole Soyinka, famosos no ocidente por escreverem em língua inglesa e por se preocuparem em produzir uma literatura atraente para o público europeizado. No entanto, fossem o *hausa*, o *suaíle* ou outras línguas do continente africano, devidamente promovidas nas Américas e na Europa, novas perspectivas abrir-se-iam para o entendimento da produção literária dos países africanos, dos dilemas que afligem a África na atualidade e das dinâmicas culturais e sociais de seus povos. São textos que ilustram parte da riqueza de uma prática discursiva que, devido a uma barreira linguística, recebeu e recebe pouco reconhecimento no ocidente. Mais uma vez, tal barreira parece estar calcada numa visão ainda eurocêntrica das línguas, culturas e povos africanos – note-se o fato de as literaturas *hausa* e *suaíle* serem tão ou mais antigas, por exemplo, que a literatura estadunidense, amplamente estudada no Brasil.

Considerações finais

Finalmente, cabe dizer, o estudo das literaturas produzidas em línguas africanas autóctones pode significar, no contexto brasileiro, um passo fundamental para o entendimento da história do continente africano e de novas poéticas e, sobretudo, para a possível mudança de paradigma a respeito de uma ideia ainda problemática de África. Tal ideia calcada, sobretudo, na biblioteca colonial de que fala V. Y. Mudimbe (1994), ou seja, “um corpo de conhecimento construído com o propósito específico de traduzir e decifrar fielmente o objeto africano” (MUDIMBE, 1994, p. xii. Tradução nossa), perpetua um olhar que é, ao mesmo tempo, ingênuo e violento: ingênuo por não conseguir extrapolar uma visão simplificada e por vezes homogênea do continente africano, ainda que hoje o intelectual possa lançar mão de



conceitos mais sofisticados, propostos, por exemplo, pela teoria pós-colonial ou pelo pós-estruturalismo; esse mesmo olhar, em sua ingenuidade, é também violento na medida em que coloca a África, apesar de todas as suas diversidades e especificidades linguísticas, sociais, econômicas e culturais, na posição de um objeto decifrável, nominável, compreensível e, portanto, passível de controle epistemológico.

Trata-se de um lugar de enunciação que é necessariamente problemático, quer dizer, o africanista brasileiro fala, na maior parte das vezes, a partir de um lugar privilegiado e mediado por textos de escritores africanos ocidentalizados (anglófonos, lusófonos, francófonos) e utiliza para análise de tais textos um suporte teórico que é, em boa parte, ocidental. Não há aqui uma apologia a particularismos ou a um conceito essencialista de nacionalidade e de local (a ideia de que apenas africanos podem discutir e entender a África). Porém, não se pode perder de vista que o lugar de enunciação é fundamental para o entendimento do texto crítico que se produz e das vozes que o compõem. Na mesma medida, a seleção do material que se propõe estudar diz muito sobre as potencialidades e limitações do estudioso que o seleciona. O problema, a meu ver, não está na tentativa de analisar o texto literário, mas numa certa inconsciência sobre o que se exclui e silencia em tal empreitada, inconsciência que, seguindo o argumento aqui proposto, pode estar imersa em uma mentalidade ainda eurocêntrica e colonialista, nos termos de Ngugi (1997).

Sobre as literaturas africanas produzidas em línguas não europeias, não há dúvida sobre sua riqueza. No entanto, tais literaturas são, via de regra, negligenciadas na academia por serem escritas em línguas que não constituem capital cultural valorizado no mundo ocidental. O que se vê, nesses casos, é uma reprodução do mesmo, ou seja, valores culturais europeus e norte-americanos prevalecendo sobre os valores e ideais de culturas e povos subalternos. No Brasil, a situação não é diferente. A literatura africana que se estuda no país é tristemente limitada pelo que chamei, em outro momento, de “apatia linguística” (RODRIGUES, 2010, p. 21), já que não se observa um esforço significativo no sentido de promover as línguas africanas autóctones e suas literaturas. No processo, muito se perde e a visão que se constrói da África acaba limitando-se ao que nos oferecem os escritores africanos ocidentalizados. Ainda que para o mercado a promoção das línguas africanas seja dispensável, para o africanista, de outro lado, caminhar nessa direção é tarefa essencial. O questionamento à epistemologia eurocêntrica deve ser também um questionamento linguístico, que derruba barreiras e preconceitos há muito consagrados.



Referências

APPIAH, Kwame A. Is the post- in postmodernism the post- in postcolonial? *In*: MONGIA, P. (Org.). **Contemporary postcolonial theory: a reader**. London: Arnold, 1996, p. 55-71.

BARBER, K. African-language literature and postcolonial criticism. *In*: **Research in African literatures**, Columbus, v. 26, n. 4, p. 3-30, 1995.

BROCK-UTNE, Birgit. Language of instruction and poverty alleviation. Trabalho apresentado na CIES Conference. Baltimore, 2007, p. 1-24.

FURNISS, G. Innovation and persistence: literary circles, new opportunities and continuing debates in hausa literary production. *In*: BARBER, K. (Org.). **Africa's hidden histories: everyday literacy and making the self**. Bloomington: Indiana University Press, 2006, p. 416-434.

_____. Hausa popular literature and video film: the rapid rise of cultural production in times of economic decline. **Arbeitspapiere**, Mainz, n. 27, p. 1-14, 2003.

GROMOV, Mikhail D. Swahili popular literature in recent years. **Swahili Forum**, Mainz, n. 15, p. 5-13, 2008.

KRASNIEWSKI, M. Hausa Literature as a Source for Studies in Cultural Boundaries. **African Nebula**, Osogbo, v. 1, n. 1, p. 44-55, 2010.

MUDIMBE, V.Y. **The idea of Africa**. London: James Currey, 1994.

MULOKOZI, M. A survey of kiswahili literature: 1970-1988. **Afrika Focus**, Ghent, v.8, n. 1, p. 49-61, 1992.

NGhG(WA THIONG'O. **Decolonizing the mind: the politics of language in African literature**. Nairobi: EAEP, 1997.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Colección Sur Sur, 2005, p. 107-130.

RODRIGUES, A. L. Anglofonia, literaturas em línguas africanas e limites da teoria pós-colonial. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v.14, n. 2, p. 13-23, 2010.

SCHWARZ, R. **Que horas são? Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



SHOHAT, E.; STAM, R. **Unthinking Eurocentrism: multiculturalism and the media**. New York: Routledge, 1994.

Recebido em 19 de junho de 2012.

Aceito em 08 de agosto de 2012.

Ângela Lamas Rodrigues

Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é Professora na Universidade Estadual de Londrina, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Letras com o projeto de pesquisa “A colonização e a condição pós-colonial da África em literaturas africanas de língua inglesa”. Entre suas publicações, destacam-se *A língua inglesa na África: opressão, negociação, resistência*, livro publicado em dezembro de 2011 pela editora da Unicamp, e “Beyond nativism: an interview with Ngugi wa Thiong’o”, entrevista conduzida em 2003 com o escritor e publicada no periódico *Research in African Literatures*.

Email: alrodrigues73@yahoo.com.br